Capítulo XII — O Messias, novo Adão

Na pessoa do Homem-Deus, o gênero humano foi e permanece perfeitamente reabilitado; mas é preciso que cada um de nós participe dessa reabilitação, pois de outro modo o Cristo de nada nos servirá[1].

Aqui vem colocar-se por si mesma a explicação de uma verdade fundamental sem a qual nada se compreende do cristianismo. Verdadeira árvore da vida do paraíso terrestre, o Redentor nos aparece como uma magnífica oliveira plantada no meio do mundo, e na qual cada um de nós deve ser enxertado, se quer receber-lhe a seiva e dar-lhe os frutos. Mas deixemos falar os mais sublimes intérpretes dos pensamentos divinos, os escrutadores mais profundos da obra da Redenção humana.

> *Toda a ciência da religião, diz Santo Agostinho, toda a fé cristã consiste propriamente no conhecimento dos dois Adãos: o que herdamos do primeiro, o que recebemos gratuitamente do segundo; a natureza caída em Adão, a natureza reparada em Jesus Cristo: eis toda a religião.*

São Paulo só vê dois homens no mundo: o primeiro Adão e o segundo Adão, que é Nosso Senhor[2]. O primeiro representa o gênero humano decaído; o segundo representa o gênero humano regenerado. É a união de toda a raça humana com seu tronco primitivo que a tornou culpada e infeliz; é sua união com seu segundo tronco que a tornará justa e feliz.

Que nos é, pois, necessário para sermos regenerados? É preciso, responde o grande Apóstolo, que levemos em nós mesmos a imagem do homem celeste, como levamos a imagem do homem terrestre; é preciso que nos tornemos filhos do novo Adão pela comunicação de seu espírito e de seu ser divino, como nascemos filhos do primeiro Adão pela participação de sua carne de pecado[3]. Daí, para cada um de nós, a indispensável necessidade de unir todo o nosso ser ao novo Adão[4].

Ora, essa união se realiza na vida presente pela Fé, pela Esperança e pela Caridade.

> *Essas três virtudes, diz o incomparável São Tomás, são três elementos que, sobreacrescentados à natureza do homem pela graça do Redentor, o elevam como por três graus à união deífica, tornando-o, segundo a palavra de São*

> *Pedro, participante da natureza divina. A Fé eleva a inteligência; enriquece-a de verdades sobrenaturais que a luz divina lhe dá a conhecer. A Esperança eleva a vontade; dirige-a para a posse do bem sobrenatural que nos é prometido. A Caridade eleva o amor e o faz tender para a união com o bem sobrenatural tornado seu objeto supremo[5].*

Crer, esperar, amar: tais são também os três atos fundamentais da cooperação que o novo Adão exige de nós para unir-nos a ele. Nisso se resume toda a economia de nossa santificação na terra e de nossa glorificação no céu. A fé começa nossa união com Deus, a esperança a continua, a caridade a consuma[6]. Desse apanhado, ao mesmo tempo tão luminoso e tão fecundo, decorrem sem esforço a ordem e o encadeamento das diferentes partes da doutrina cristã:

A fé e seu objeto, Deus, a própria verdade; e o símbolo que o revela.

A esperança e seu objeto, Deus, a própria bondade; e o que ele nos promete: a graça e a glória; depois os meios de obter a graça: a oração e os sacramentos.

A caridade e seu objeto, Deus, o soberano bem; e o que ele nos ordena, seja por si mesmo, seja por sua incorruptível esposa: o Decálogo e os mandamentos da Igreja.

Vêm em seguida as causas que rompem essa união divina: as paixões e o pecado; depois os meios preservativos desse mal único: as virtudes contrárias às inclinações corrompidas do coração humano.

É aqui sobretudo que um plano perfeitamente metódico é necessário. Entre todas as partes da doutrina cristã existem relações íntimas cujo conhecimento espalha viva luz sobre o ensino. Tem-se a desgraça de desconhecê-las ou a imprudência de negligenciá-las? As matérias e os capítulos se sucedem sem ordem racional; cada parte forma, de certo modo, um todo isolado; o assunto que precede já não chama o assunto que segue; as verdades fundamentais não aparecem numa luz suficiente, às vezes até se acham em segundo plano: o ensino perdeu em vigor e em clareza ao perder seu encadeamento lógico. Desde então, aquele que se quer instruir não sabe aonde vai; o espírito se desanima e a memória fatigada deixa logo escapar doutrinas que não lhe apresentam nem conjunto nem harmonia.

A primeira vantagem do plano que seguimos é prevenir esse inconveniente;

A segunda é pôr na posição de honra que lhes convém as três grandes virtudes do cristianismo, a fé, a esperança e a caridade, mostrando-as como as três fontes da salvação, como os primeiros alicerces de todo o edifício da religião;

A terceira é ser tão simples quanto fecundo; pois abraça sem esforço todas as partes da doutrina cristã, cada uma das quais entra naturalmente no lugar que lhe assina a lógica, como as diferentes peças de um brilhante mosaico numa cópia do Perugino ou do bem-aventurado Angélico;

A quarta é ser muito seguro. Foi seguido, entre outros, por Belarmino no Catecismo Romano, solenemente aprovado por vários sumos pontífices[7]. O sábio cardeal não era nisso senão o discípulo de Santo Agostinho, que quer igualmente que se reconduza todo o ensino da religião à fé, à esperança e à caridade.

> *Tríplice condição, como diz o grande doutor, que nos associa à república divina*[8].

Belarmino apoia seu plano no último texto de Santo Agostinho; mas modifica um pouco o pensamento do santo doutor, que nós seguimos em toda a sua sublime simplicidade. Dotts. Crist., p. I, 7, 8.

Notas

[1] Gl 5, 2.

[2] Rm 5 ; 1 Cor 15 ; Ef 4. — Ver também o Concílio de Trento, citado acima.

[3] 2 Pd 1, 4 ; 1 Cor 15, 49 ; Hb 2, 14 ; id., 3, 14.

[4] Sicut fuit vetus Adam effusus per totum hominem et totum occupavit, ita modo totum obtineat Christus, qui totum creavit, totum redemit, totum et glorificabit. — S. Bern., Serm. IV, de Avent., n. 2 e 3.

[5] Per virtutem perficitur homo ad actus quibus in beatitudinem ordinatur. Est autem duplex hominis beatitudo, sive felicitas. Una quidem proportionata humanæ naturæ, ad quam scilicet homo pervenire potest per principia suæ naturæ. Alia autem est beatitudo naturam hominis excedens, ad quam homo sola divina virtute pervenire potest, secundum quamdam divinitatis participationem, secundum quod dicitur II Petr., I, quod per Christum facti sumus consortes divinæ naturæ. Et quia hujusmodi beatitudo proportionem humanæ naturæ excedit, principia naturalia hominis, ex quibus procedit ad bene agendum, secundum suam proportionem, non sufficiunt ad ordinandum hominem in beatitudinem ; unde oportet quod superaddantur homini divinitus aliqua principia per quæ ita ordinetur ad beatitudinem supernaturalem, sicut per principia naturalia ordinatur ad finem connaturalem, non tamen absque adjutorio divino : et hujusmodi principia virtutes dicuntur theologicæ : tum quia habent Deum pro objecto, in quantum per eas recte ordinamur in Deum ; tum quia a solo Deo nobis infundantur ; tum quia sola divina revelatione in sacra Scriptura hujusmodi virtutes traduntur... Unde oportuit quod aliquid homini supernaturaliter adderetur ad ordinandum ipsum ad finem supernaturalem. Et primo quidem quantum ad intellectum adduntur homini quædam principia supernaturalia, quæ divino lumine capiuntur ; et hæc sunt credibilia, de quibus est fides. Secundo vero est voluntas, quæ ordinatur in illum finem et quantum ad motum intentionis in ipsum tendentem, sicut in quod est possibile consequi, quod pertinet ad spem ; et quantum ad unionem quamdam spiritualem, per quam quodammodo transformatur in illum finem, quod fit per charitatem. — P. 2, q. 52, art. 1 e 3.

[6] Domus Dei credendo fundatur, sperando erigitur, diligendo perficitur. — Santo Agostinho, Serm. 37, t. I.

[7] Entre outros, Clemente VIII, 15 de julho de 1695 ; Bento XIII, 17 de agosto de 1728.

[8] Quidquid narras ita narra ut ille cui loqueris audiendo credat, credendo speret, sperando amet... divinam cælestemque rempublicam, cui nos cives adsciscit fides, spes, charitas. Quando omnis terra cantat canticum novum, domus Dei est. Cantando ædificatur, credendo fundatur, sperando erigitur, diligendo perficitur, modo ergo ædificatur : sed in fine sæculi dedicatur. — De Catechiz. rud. ; Epist., class. III, t. II, p. 622 ; Serm. XXVII, t. V, cap. 1, p. 206.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:18 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:18 by Admin